

O céu e as tradições: o céu dos nossos avós

Guilherme de Almeida

guilhermedealmeida@clix.pt

A actual designação das constelações que podemos ver no céu nocturno segue uma terminologia e uma simbologia internacionais, relativamente modernas, que resultaram de um acordo internacional levado a cabo pela União Astronómica Internacional (IAU) em 1928. Essa sistematização foi consequência do trabalho do astrónomo belga Eugène Delporte, aceite internacionalmente em 1930, através da sua obra "*La Délimitation Scientifique des Constellations*".

Porém, a história da sistematização do céu é bem longa. Povos de diferentes partes do mundo procuraram encontrar ordem no aparente caos do céu nocturno. Tal conhecimento revelou-se essencial para a sobrevivência. As migrações requeriam a orientação pelo céu, em terra ou no mar, para a escolha do rumo correcto a tomar. A agricultura carecia de marcadores naturais, da passagem do tempo e das estações do ano, que ajudassem a determinar as épocas próprias para semear ou para colher. As celebrações religiosas exigiam a interpretação de fenómenos ou a marcação de datas para colher os favores dos deuses. Era pois necessário conhecer o céu, para sobreviver num mundo de aparentes contradições, onde paradoxalmente o céu nocturno se mostrava de uma regularidade imponente e desafiadora, capaz de servir os objectivos de que a Humanidade necessitava.

Fora dos bastidores da ciência oficial de cada época, os diferentes povos criaram as suas próprias *interpretações alternativas* do céu nocturno. Sentiam o céu próximo dos seus interesses e das suas vidas: temiam-no e admiravam-no. Assim, em diferentes lugares do mundo, surgiram outras tantas interpretações, com vista ao uso utilitário do céu nocturno. Pastores, viajantes, aventureiros, camponeses, navegadores, marinheiros e sacerdotes reuniram, à sua maneira, um corpo de conhecimento empírico que os ajudava no dia-a-dia. Tais interpretações seguiram uma via paralela à da ciência oficial das suas épocas. Transmitiram-se por tradição oral e chegaram aos nossos tempos: designações como "Estrela Boieira", "Sete Estrelas", "Estrela do Pastor", "Cajado", "Cabritos", "Três Marias", etc. são fruto dessa necessidade de dar um sentido utilitário ao céu.

Porém, a poluição luminosa das vilas e cidades tirou a beleza e imponentia ao céu nocturno. No céu dos nossos avós viam-se milhares de estrelas de cores múltiplas e brilhos diversos, numa quantidade que parecia não ter fim, além das cinco "estrelas errantes" (os planetas visíveis a olho nu); o céu que agora podemos ver das vilas e cidades não passa de uma pálida caricatura do que se via antigamente: dificilmente se

poderão ver mais do que algumas dezenas de estrelas, mostrando brilhos esbatidos num céu acinzentado, apoucando um espectáculo que outrora foi glorioso. Em larga medida essa destruição do céu nocturno deve-se à iluminação mal concebida ou mal instalada que frequentemente lança luz para cima, em vez de a dirigir para onde ela faz falta: para o chão que pisamos. Mas de algumas aldeias de Portugal ainda se pode contemplar um céu grandioso, constituindo um inegável património da humanidade.

Os jovens cidadãos de hoje distanciaram-se das estrelas. Quase não as vêem e já não as conhecem como os seus avós as conheciam e admiravam. No entanto, algumas pessoas idosas que ainda vivem nas aldeias remotas de Portugal (e de outros países, é claro) *ainda* conhecem as estrelas: aprenderam com os seus avós a identificar algumas por meio de nomes populares, assim como algumas "constelações alternativas", para uso utilitário, e sabem servir-se delas. Tais pessoas são os últimos detentores desse saber milenar. Os seus filhos e netos já não querem saber disso para nada. Portanto, há que preservar esse saber, recolher esse conhecimento empírico mas muito curioso e interessante. Mas isso já devia ter sido feito. Agora temos de nos apressar, dado que o tempo passa e essas pessoas estão a desaparecer. Os seus descendentes já nada nos podem contar.

Será pois de extremo interesse a recolha de depoimentos junto dessas pessoas, sendo essencial que essa partilha de informação se faça perante o céu real, em diferentes regiões do território português e em diferentes épocas do ano, de modo a colher o conhecimento popular de diferentes partes do céu e de diferentes regiões de Portugal. No entanto, tal iniciativa requer que as equipas que realizem esse trabalho de campo tenham conhecimentos fundamentais de Astronomia, de modo a poderem entrecruzar conhecimentos, podendo assim estabelecer comparações válidas e claras entre os nomes e os conceitos populares e os seus equivalentes na terminologia moderna. Só assim se poderá preservar esse importante património cultural.

Um trabalho de campo com estas características tem algumas semelhanças com a extensa actividade desenvolvida pelo etnomusicólogo corso Michel Giacometti (1929-1990) que entre 1960 e 1982 estudou e gravou a música popular e a fala do povo (com o seu sotaque bem característico) em diferentes regiões do território português, para a poder preservar. Trata-se de fazer algo de semelhante em relação ao céu nocturno, antes que seja tarde. É esse o objectivo do projecto "o Céu dos Nossos Avós".